



3º. Simpósio sobre A Formação do Analista

Recife, 13 de julho de 1996.

Estão aqui reunidos os trabalhos desenvolvidos pelos que compõem o *Traço Freudiano Veredas Lacanianas*, em reunião ocorrida em sua sede no dia catorze de Setembro de 1996. O encontro deu continuidade às discussões sobre a Formação do Analista, tema que vem sendo trabalhado pelo grupo em reuniões regulares. Este é o segundo registro escrito, embora tenham sido realizadas três sessões temáticas.

Revisão : **Paulo Roberto Medeiros e Edna Porto**
Arte e editoração: **João Rego**

**Cadernos do Traço Freudiano Veredas Lacanianas Escola de
Psicanálise no. 2**

III Simpósio sobre a Formação do Analista.

Recife, 13 de julho de 1996.

Sede do **Traço Freudiano Veredas Lacanianas**

Publicado em Cadernos do **Traço Freudiano N ° 2**

Apresentação

Estão aqui reunidos os trabalhos desenvolvidos pelos que compõem o *Traço Freudiano Veredas Lacanianas*, em reunião ocorrida em sua sede no dia catorze de Setembro de 1996. O encontro deu continuidade às discussões sobre a Formação do Analista, tema que vem sendo trabalhado pelo grupo em reuniões regulares. Este é o segundo registro escrito, embora tenham sido realizadas três sessões temáticas.

Conforme combinação prévia, além de textos pertinentes ao assunto seria apresentado por mim um registro sobre a sessão anterior. Optei por trabalhar com relâmpagos ficcionais, cujas personagens seriam portadoras de traços a serem posteriormente resgatados, pelo recurso do *gancho*, na elaboração do recado que me competia dar. Presenças humanas na escritura da história que me cabia re-apresentar, permitindo a todos uma leitura ao mesmo tempo plural e única. Por esse relato iniciou-se a tarefa.

Construindo sua própria dinâmica, o grupo não se ateu a uma discussão direcionada por qualquer dos textos. Preferiu construir seu próprio capítulo, no qual podem ser lidos diferentes momentos de vivência dos participantes. Não só quanto aos estudos de Psicanálise, mas, sobretudo, de suas expectativas, dificuldades, achados, ganhos e perdas.

É também remarcável um certo atropelamento da questão temática por aspectos atinentes a questões operacionais do Traço, cabíveis e compreensíveis. Em primeiro lugar, por nos parecer oportuno e desejável que não enxerguemos a complexidade da vida a partir de purismos departamentais, já que nos arquivos de cada um existe um peculiar espanto. Em segundo lugar, pela proposta de um novo modelo de aprendizado e gestão, que, como todo neo-nato, dá trabalho e faz barulho.

Mas o tempo passa, a criança cresce, e haja decibéis.

Eugênia Menezes

Comissão de **Editoração** de Cadernos do **Traço** freudiano

Edna Porto
Eugênia Menezes

Recife, 13de julho de 1996

Quer dizer, na verdade eu acho que quando Lídia levantou a questão do poder e eu disse que tinha uma coisa por baixo, o que eu estava dizendo é que na verdade o que me parece que está por baixo nisso é a dor mesmo da Formação, a dor do aprendizado que é muito grande e muito profunda, todos nós sabemos disso. Sobretudo porque aqui nesse grupo nós estamos divididos em duas categorias de uma mesma classe. Aqueles que tem já a Formação, os formados e aqueles que estão tentando a Formação. Então eu acho que a questão para mim que está por baixo que é fundamental, é essa mesma, o quanto é doloroso o aprendizado e o quanto a gente está tentando aqui comer pelas beiras essa dor. Eugênia com um texto e depois essa discussão, absolutamente no meu ponto de vista, supérflua, do poder. Então o que eu estou sentindo é isso, é que a gente não está querendo entrar no assunto. A gente está tentando escamotear. Veja que já foi reclamado aqui: "Estamos aqui a uma hora e meia." Diz Pedro: "Estamos trabalhando." Estamos, mas eu tenho a impressão, eu pelo menos estou sentindo que o trabalho de uma hora e meia pelas beiras, pelas beiras e pelas beiras, é talvez até para amortizar ou acolchoar essa ferida central que é a ferida do próprio aprendizado que é igual a ferida da ignorância, do não saber. Esse é o meu sentimento. (Fernanda Amazonas)

Eugênia Menezes: Eu não sei se tem alguém que não estava da vez passada, eu me comprometi com o grupo de falar um pouco, aliás, de escrever sobre o meu sentimento naquela reunião. E essas reuniões que são continuadas, elas tem, devem ser registradas de alguma forma e em geral em forma de ata. Então aqui a história é em forma de desata. O texto está desenvolvido em quatro cenas, que se chamam: delírios, percursos, perplexidades e reflexões. Então:

DELÍRIOS

Em lugar distante porém sabido, havia minha infância e Mãe Joana, parceira e parteira, minha analista na época. Eu sentava e ouvia, de dia, a fala dos construtores do banheiro novo, chuveiro pela primeira vez. E descarga. O pedreiro Antônio Amarelo falava, de vez em quando e com grande familiaridade, no Bute Tantan.

De noite os vaqueiros traziam as selas para o quarto dos arreios, ainda encourados. Ao sentarem na mesa para a janta, vez por outra lá se vinha de novo o Bute Tantan. Minha compreensão das coisas cedo me disse não ser ele o Demônio, Demo para os íntimos, pois quando dele se falava não se fazia o credo-em-cruz, nem os olhos esbugalhavam.

-Mãe Joana, como é o Bute?

-Descarnado.

-De que cor é ele?

-Já viu *invisive* ter cor, menina? Vá dormir que é mais futuro.

Foi assim que aprendi com a velha Joana Severiano, analfabeta e sábia, os traços fundamentais do Bute.

Muitos caminhos e noites depois, eu conversava com um grupo de amigos sobre o imaginário popular. Esperava encontrar o correspondente, no litoral, do meu personagem. Nosso esforço comum só desembocou na resposta quando, circunstancialmente, eu lhes dei mais uma pista - não é nem do bem, nem do mal. Com essa identidade, todos concordaram: na Zona da Mata se chama Estupor Traíra.

*

A Velha Cabocla sentou-se para jantar. Como sempre emburrada e cheia de cismas. Acabou, acendeu o cachimbo, acocorada no pé da parede. Solicitada a falar, apenas balançava negativamente a cabeça, dizendo um-qum, um-qum. Por insistência e para por fim a todos os seus silêncios, sentenciou:

-Gosto de ficar só somando.

*

Zefinha divide comigo há treze anos sua incomensurável sabedoria e as tarefas domésticas. É filósofa pela Universidade da Vida, nascida em Mata Virgem, no interior de Pernambuco.

-Zefinha, disse eu, querendo puxar papo. Conte alguma coisa de seu passado.

-E eu lá quero saber de passado? Não gosto de passado nem pouco.

-Oxente, Zefa, mas que doídice é essa? no passado tem coisas tristes, mas também tem coisas bonitas, boas.

-O que presta do passado não passa, fica. O que não presta a gente enterra. Gosto mesmo é de futuro, que a gente inventa.

-Não se esqueça de inventar também coisas ruins, pois sempre acontecem, aqui e acolá.

-E eu tou doida pra pensar em coisa ruim? Só penso no bom, pra ir sentindo o gostinho. O ruim, quando chegar eu traço.

*

Minha alma boêmia está louca que os meninos cresçam para estudar violão. Habilidade manual não me falta, sei bordar e costurar. Vou comprar um caderno com capa romântica para encher todinho de letra de música.

Quando fiz quarenta anos ganhei de minha família um violão bacana, do melhor que tinha na praça, e chorei. Foi lindo.

Aprender violão é um saco. Exercícios sem fim, blongo, blongo, mão direita, blongo, mão esquerda, blengo, o professor cobrando posição, tomara que o professor tenha virose, tomara que dê cheia, tomara que haja greve de ônibus, tomara que eu tenha coragem para desistir... Desisti, eu sou de fé, Deus seja louvado.

*

Era uma grande responsabilidade. Íamos votar para presidente. Sentamos num bar às seis da noite, cada um trazendo recortes de jornal, depoimentos, panfletos, plataformas, entrevistas, cartas de intenções e santinhos de candidatos do PC, PCB, PC do B, PTB, PT, PSB e congêneres. Lemos tudo, discutimos, comparamos, avaliamos. Às duas da madrugada, todos bêbados, resolvemos tirar na sorte quem votava em quem. Para mim sobrou o Brizola.

*

Guimarães Rosa tem uma personagem chamada Chica, gente finíssima, uma criança que cuspiam na água levada gentilmente no copo para os prepotentes. Ninguém desconfiava, ela era uma santinha.

PERCURSOS

Em agosto do ano passado soube que ser médico ou psicólogo não era condição *sine qua non* para ser analista. A conversa continuou rolando mas eu fiquei assim, paradona. Volta e meia a cabeça zoava, eu me lembrando da indecisão entre Sociologia e Psicologia no vestibular. Por que comprei as Obras Completas de Freud em 1959 (e nunca li), em vez de Eça de Queiroz?

Já entendi tudo. Isso é faniquito de quem está para se aposentar. Dizem que é assim mesmo, o cabra fica meio tan-tan. Será que vou ter uma depressão ou botar uma oficina literária para adolescentes?

-Estou pensando em fazer Formação Psicanalítica, eu disse, assim mesmo, displicente, na hora do café doméstico. Acho que alguns requisitos eu já tenho: sou persistente, corajosa, equilibrada... (*olhares*).

Meus filhos cresceram, me deram a chance de aprender violão, cada um está cuidando de sua vida, mas continuam safados como no tempo de fedelhos.

-Qual é a graça? dá para explicar? perguntei. O mais atrevido arriscou-se: o problema está no terceiro adjetivo (*risos*). Mas neste ramo aí, parece que faz parte do negócio (*gargalhadas*).

*

Eu tenho medo de ficar doida. Na minha família tem muito doido. Um tio de meu pai cortou um dedo de propósito por conta de uma raiva que teve. Um primo de minha mãe contava um rebanho que não existia. Minha cabeça está confusa. Já viu se pagar para ficar doido? Só sendo burro ou otário. Não sei que invenção foi essa de fazer análise. Já estou perto de acabar de ficar doida? Ou já fiquei?

Um dia, afinal, consegui ouvir do analista: faz parte do seu processo.

*

Vou começar a dizer ao analista que estou pensando essas coisas de ser analista. Não, não vou dizer. Não digo nem morta. Hoje eu digo de qualquer jeito. Vá ver que é aquela mesma besteirada do violão, só fricote. Não vou falar se não tenho certeza.

Conversei com quatro amigos sobre o assunto, um de cada vez, como um segredo. As opiniões variaram:

- Pirou de vez? Por que não fica em casa lendo e escrevendo?
- Vai fazer faturando o que sempre fez de graça.
- Vá ver que assim você se resolve. Sai do fronteiroço e passa de vez para o

lado de lá.

- Faço fé. Acho que você leva jeito.

Placar do jogo: 2 x 2. Como só tenho quatro amigos, o voto de Minerva tem de ser meu.

*

Cinco meses depois (em fevereiro de 1996), tomei chegada nas instituições psicanalíticas do Recife. Fiz entrevistas, freqüentei reuniões, entrei em grupos de estudo. Nunca li um texto sequer . Essa jornada tinha dois objetivos: assuntar e, se fosse o caso, escolher em que partido eu ficaria, de preferência sem ter de tomar um porre e decidir no sorteio.

Primeiro eu ligava a antena do senso crítico: o que é a Psicanálise? Que Instituição é essa? **O que eu estou fazendo aqui?** Depois acendia a lanterna dos sentidos - o cheiro, os lugares, os sons. Eu gosto de estar aqui? Eu gosto disso? **O que eu estou sentindo?** Às vezes eu fechava os olhos e tentava separar o rosto da voz das pessoas. Outras vezes, separar o timbre e a entonação da voz de seu conteúdo. Esses *exercícios*, como os chamava, me cansavam muito. Confeccionei duas listas, uma do que eu entendia como conceitos, outra do que eu chamava *expressões idiomáticas*.

Nos lugares que freqüentei, sempre havia alguém que me chamava a atenção, por um pronunciamento, uma atitude, um gesto. Sempre que possível, eu lhe pedia para conversarmos, e sempre fui atendida. Perguntei coisas, falei de como entendo o mundo e as pessoas. Algumas vezes disse coisas absolutamente banais em relação a assuntos teóricos tratados, mas eu sabia que havia entre eles um forte laço de pertinência. Mas nem todos entendiam assim, e o meu esforço de unir o céu e a terra era vão. Minha voz muitas vezes mergulhou no vazio. Estes foram momentos de desamparo, de solidão, mas não consegui me desvencilhar do fascínio que tudo isso exercia sobre mim.

*

Entre no analista e fui dizendo: pensar em ser analista também faz parte do processo? (Consegui, eu consegui dizer, isso é mesmo que parir, mas eu consegui). Meu amigo Euclides tinha razão - o sertanejo é antes de tudo um forte.

*

Ao longo das conversas que tive, três pessoas me encaminharam ao Traço. Uma delas me conhecia pessoalmente; outra, profissionalmente; a terceira foi o meu analista.

Em contato por telefone com o Traço, eu disse gostar de estudar e de escrever. O verbo conversar me foi atribuído por meu interlocutor, e fica por conta dele. Pois às vezes fico só somando, herança de valia que me deixou a Velha Cabocla. Cheguei no Traço com um passaporte onde estavam escritos três verbos, e nada mais me foi pedido ou perguntado. Ao entrar, rememorei: dois dos lugares por onde andei eram becos sem saída. Aqui o nopró é na entrada. Pensei no meu menisco avariado: espero que não me mandem pular essa catacumba (um balcão feio e inútil que barra a entrada). Alguém me disse: lá atrás tem uma **construção** (não sei o resto da frase porque esta palavra ficou zunindo em meu ouvido). No mesmo dia me filiei ao Traço. Ao assinar o cheque eu estava **me** assinando, forma de falar do sertanejo que arrepiaria qualquer gramático. Este, provavelmente de óculos para ver melhor, diria: você está assinando **o seu nome**. Na realidade, assinei ao meu nome e a mim. Tornei-me uma *tracista*.

Claro que ainda não sou uma analista, mas a rima já promete um bom samba. Também não me tornei uma apóstola, e nem carece, pois já temos dois.

A partir daí comecei a ler os textos, a refletir sobre eles. Assim começou minha formação.

*

Entrei no analista e disse ter encontrado a minha Casa.

PERPLEXIDADES

Chegamos afinal ao que me compete nesta fala: expressar meu sentimento em relação às discussões ocorridas na reunião sobre a formação de analistas (formação do analista será machismo?). Como todo debatedor, começo apontando os pontos positivos. Muito me agradou saber que há um projeto editorial circulando nas proximidades, e que o Traço propõe a aproximação da Psicanálise com outras ciências. Significa dizer que privilegia a interdisciplinaridade, prova de que tem juízo. No meu entender, a propalada verticalização do conhecimento de cada ciência, com fronteiras rígidas e arsenais de defesa de território, pouco contribuiu para ampliar o entendimento do homem.

Entendi que, como todo ser vivente, o Traço vive um momento de passagem, ao qual corresponde uma modificação de face, de linhas, de postura. Quatro pontos me chamaram particularmente a atenção, me assustaram:

A referência à Instituição como um ser etéreo e abstrato, dissociado do grupo (ou formado por um sub-grupo?), a quem competiria a decisão dos destinos da Casa, de seus habitantes, por todo o sempre. Amém. Ao ver a Instituição assim vagando, descarnada, *invisível* e incolor, eu me lembrei do Bute Tantan. Acho que o Traço só terá um risco forte quando for encarnado por seus filiados. Entendo uma instituição como a soma de vontades daqueles que a constituem. Só eles sabem e só a eles cabe decidir sobre o seu destino, as regras do jogo, naturalmente sem esquecer que a instituição é situada e datada. Daí ter sido terminantemente contra a obtenção de modelos de outras instituições para formalizar o programa (?) de preparação de analistas.

Se ainda não há formação de analistas no Traço, eu sou a viúva Porcina em pessoa - a que era, sem nunca ter sido. Mesmo assim, continuo estando, sem nunca ter estado. Quando encasqueto uma coisa, teimo mais do que jumento.

Alguém falou que para aprender Psicanálise tem de desaprender tudo que aprendeu antes. Ou seja, para ser moderno: tem de deletar, e sem guardar em disquete. Sou do interior, não entendo de modernidade, menos ainda de pós. Sou uma profissional de Ciências Humanas; nada quero esquecer do que até hoje vi, vivi e aprendi com meus filhos, meus netos, a conversa no ônibus, o jogo de futebol, meus pares e ímpares, os doidos de minha terra, de quem eu cortava as unhas e ouvia histórias. Sem isso, nunca serei uma analista, meu projeto para o próximo milênio.

A última questão surpreendente foi a relativa ao poder. Se bem entendi, há uma intenção de negá-lo? minimizá-lo? esmagá-lo? aniquilá-lo? Como se faz isso? Entendo que o Traço delimita um território que é, por definição, um espaço de relações onde o poder se exercita. Grupo sem exercício de poder é conto da carochinha. Seus componentes jamais serão iguais, até porque isso seria mais tedioso do que aprender violão. Podemos, cidadã e fraternalmente, nos prometer e esforçar para não cuspir na água que vamos levar para o outro. Talvez careça, vez ou outra, botar afeto, açúcar ou arsênico. Mas pouquinho, só para temperar. Acho que seria um bom começo.

REFLEXÕES

A queda do comunismo não invalidou todo o esforço de construção teórica de Marx. Seu lugar permanece na história das idéias do século XX. Vendo por outro prisma, que destino terá o esforço de Freud e seus continuadores na era da globalização, da Internet, da ruptura de

fronteiras? Que produtos os analistas terão a oferecer no novo mercado? Quais os possíveis usos da Psicanálise? Gostaria de ver essa questão discutida, uma vez que até agora só consegui apreender (e mal) aspectos relativos à clínica.

Há pessoas nos grupos de estudo que pretendem apenas in-formação. Outros, em-formação. Que tal cada um ouvir as expectativas do outro - desde que cada um queira falar - e compormos, juntos, um painel de intenções e ex-tensões?

. Para mim o problema não se resume ao famoso ser-ou-não-ser. Estou sabendo que implica num duro aprendizado, já que sou socióloga, e estou disposta a fazê-lo. Como se não bastasse, todo analista fala pouco, baixo, pausado. Para alcançar o diploma, preciso urgente de um fono-audiólogo.

Os aspectos de legitimação, autorização e similares eu vejo da seguinte forma: se meu vestibular foram três verbos - escrever, estudar, conversar - , depois de participar da **construção** aqui, ou seja, construindo e sendo construída, meu diploma será feito de três substantivos - ética, responsabilidade e competência.

Depois do que me imagino na poltrona, um divã ao lado, quem sabe à luz difusa de um abat-jour lilás, esperando a clientela. Em cima da mesinha, coloco ou não um gato de porcelana? Melhor não, os analistas vão terminar captando que estou criando outra alternativa para o caso de não conquistar um lugar no reino dos eleitos.

Como me ensinou Zefinha, do futuro, só penso no bom. Outros detalhes, quando chegar a hora eu traço.

(Palmas!!!)

Ana Lúcia: Vamos para "Proposições" agora?

João Rêgo: A idéia é ler ou discutir?

Ana Lúcia: É isso que eu estou perguntando.

João Rêgo: Houve um atraso na entrega dos textos, porque nem todos conseguiram o texto com antecedência para ler. Ai ficaria a proposta para ler "Proposição¹" no final de outubro.

Manoel Gomes: Quantas páginas são?

João Rêgo: Dá umas 20 ou 30 páginas, mas não é um texto que a gente leia e discuta num dia só. Ele é um texto fundamental que guiou durante muito tempo a formação do analista lacaniano.

Senhora a²: Deixa eu fazer uma perguntinha por uma questão de ordem. Porque não se discute os textos anteriores entregues na outra vez?

Ana Lúcia: Porque parece que hoje, pelo que eu entendi foi...

Senhora a: Ah, é?

Paulo Medeiros: Como é Ana?, não estou te ouvindo.

Ana Lúcia: Eu entendi que hoje a discussão seria não sobre aqueles que a gente tinha lido até antes, não é? Mas sobre esse e _____ também não sei porquê?

Pedro Leonardo: A discussão será em cima daquilo que a gente discutir. Evidente, se há uma coisa prévia ajuda, e há texto prévio; também não vai se ficar engessados. (..)acabamos de ouvir eu acho que a gente podia... Tem tanta coisa que a Eugênia falou no texto dela que podemos partir daí. É interessante falar sobre isso.

¹ LACAN, Jacques. *Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École*, Scilicet , N° 1, Paris, 1968

² A colega solicitou para não ser identificada

Estela Gueiros: Eu achei interessante a proposta que ela fala que no grupo, ela diz assim há pessoas nos grupos de estudo que pretendem apenas (in)formação, outras (em)formação. Que tal ouvir as expectativas dela. Esta é uma forma muito boa, se é que eu entendi que o convite é para se discutir sobre formação. Que que a gente está querendo e individualmente como é que as pessoas estão propondo aqui? Acho que é um bom começo. A sugestão de Eugênia é legal.

Paulo Medeiros: É, considero fundamental isso, eu considero fundamental o que você está colocando porque entendo que a partir da própria proposição de Lacan, entendo sempre que a participação numa escola de psicanálise, numa instituição psicanalítica, envolva um projeto pessoal de trabalho. Então é como se cada um de nós tivesse, ou contivesse, um projeto pessoal, um projeto a desenvolver, a trabalhar, a elaborar. Nesse sentido eu acho importante que cada um de nós tenha de fato um projeto de trabalho aqui, e faça dessa forma sua inscrição, através de um projeto... digamos assim do momento em que a gente está aqui discutindo.

Eugênia Menezes: De quem é esse primeiro, Paulo? Que eu não estou...(alusão aos textos selecionados para leitura)

Paulo Medeiros: Sobre a formação, a história da formação dos analistas? Não sei, pelo seguinte, Eugênia: Havia na Escola Freudiana de Paris uma... como que por critério, o nome dos autores não fosse divulgado na publicação da Silicet. Só os textos de Lacan. Só Lacan apunha seu nome aos textos que entregava a Silicet, e os outros escritores não, ficavam no anonimato. O argumento que se usava com a relação a isso era o de que, para se evitar pressuposições sobre o artigo, ou seja, para que fosse o artigo o centro da leitura, independentemente de quem o houvesse escrito.

Everaldo Soares Júnior: E ninguém ia tentar descobrir quem escreveu não?

Eugênia Menezes: Claro que ia. Eu mesma passei o tempo todinho tentando descobrir de quem era.

Paulo Medeiros: Não se sabe...

João Rêgo: Eles chamavam isso de anonimato coletivo.

Everaldo Soares Júnior: Homem, desligue esse negócio aí que eu não estou agüentando mais não, eu vou espirrar (reclamando do ventilador)

Everaldo Soares Júnior: Pronto, pode continuar.

Paulo Medeiros: Pois é, então esse primeiro caderno, dossiê que foi distribuído, contém alguns textos, digamos assim, que são textos prévios, prévios no sentido do historiar. É como se fossem textos que se propusessem a nos situar no momento atual num contexto histórico. Então, mostrando como foi a história da formação de analistas, ou do analista, no movimento laciano desde a Escola Freudiana de Paris. Então o motivo destes textos foi este. Acho fundamental que eles sejam lidos, porque nós temos uma história, nós não começamos, a formação não começou com o TRAÇO. Se aqui há uma particularidade - particularidade do TRAÇO - há uma história que nos antecede. Então foi nesse sentido, num sentido simbólico de historiar esse processo, é que foram distribuídos os primeiros textos, os que estão contidos nessa pasta. Então tem esse texto sobre a história da formação do analista, tem um "Psicanálise ou Psicanalista", tem outro que é sobre a "Formação e Função do Psicanalista" e parece-me que pára aí. Então, esses três primeiros artigos são para situar, digamos assim, a formação do analista na história do movimento psicanalítico laciano desde a Escola Freudiana de Paris. Então acho importante manter...

Taciana Mafra: Esse primeiro desde Freud, não é?

Paulo Medeiros: É, eu digo desde a escola, porque esse foi escrito para a Escola Freudiana de Paris. Esse artigo sobre a história de formação dos analistas é uma história bastante extensa, boa, um artigo muito bom, vem desde o tempo de Freud, mas justamente, veja que para contextualizar - na Escola Freudiana de Paris - contextualizar a formação. A mesma coisa aqui hoje, quer dizer, contextualizar o que seja, aqui a formação, contextualizar

significa historicizar. Então essa primeira pasta propõe esse histórico. Naturalmente que a melhor leitura que nós poderíamos fazer sobre o assunto, complementar e contígua a esta, seria a "História da Psicanálise na França" da Elizabeth Roudinesco³. É um texto imprescindível quando se fala em formação do analista. Esse aqui é só uma introdução, ao meu ver, da leitura da Elizabeth Roudinesco. Depois, então, a gente passa ao segundo momento, ao meu ver, com essa segunda reunião, que seria a gente estudar o que foi a "Proposição de 9 de outubro", ou seja, como foi que Lacan propôs a formação do analista no âmbito da Escola Freudiana de Paris. Então, essa reunião de hoje seria, digamos assim, uma continuidade histórica no sentido de nós nos situarmos ali. Antes de, digamos assim, pensarmos... acho que a conclusão deverá surgir nessas reuniões, uma certa conclusão do que é para nós a formação do analista. Por enquanto é como se nós estivéssemos nos contextualizando, é só isso. Agora como hoje eu acho que ninguém, isto é, não sei se - ninguém não - nem todos leram o texto que receberam para discussão hoje, talvez a gente pudesse ou discutir os textos já lidos ou continuar alguns pontos de discussão do trabalho de Eugênia, ou lermos, começarmos a ler aqui e ir discutindo ponto por ponto essa proposição que é fundamental também.

Senhora a: Eu, apesar do ventilador ter sido desligado, acho que vou colocar

³ ROUDINESCO, Elizabeth. **JACQUES LACAN. Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento.** [Jacques Lacan. *Esquisse d'une vie, histoire d'un système de pensée.* Librairie Arthème Fayard, Paris. 1993] Editora Companhia das Letras, São Paulo. 1994

ROUDINESCO, Elizabeth. **História da Psicanálise na França - A Batalha dos Cem Anos. Volume 1: 1885-1939.** [Historie de la Psychanalyse en France. 1 (1885-1939) La bataille de cent ans. Éditions du Seuil, Paris. 1986] Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. 1989.

ROUDINESCO, Elizabeth. **História da Psicanálise na França - A Batalha dos Cem Anos. Volume II: 1925-1988.** [Historie de la Psychanalyse en France. II (1925-1985) La bataille de cent ans. Éditions du Seuil, Paris. 1986] Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. 1989.

merda nele. Eu acho até que faz parte da minha dessituação aqui, eu não estou com chão, então não é que eu me oponha ao texto não, mas me oponho a me ser imposto um débito que eu não o sinto. Então eu não quero, João, que você chegue para mim e diga: "Está aqui o texto, você me deve 8." Eu não sei se eu quero isso. Eu não sei se eu tenho que ter isso, pronto. Aí, se, e é isso que eu estou dizendo da minha dessituação, se isso faz parte, "Olhe a aula hoje é discutir este assunto", OK, eu posso até ver se eu quero ou não. Agora que decidam aprioristicamente por mim, isso eu não quero nunca.

João Rêgo: É, eu acho que talvez a gente possa esclarecer essa colocação. É que desde a semana passada ficou definido que o texto central para esse encontro do sábado era o texto "Proposição 9 de outubro" Na quinta feira eu dei o telefone de Adriana sugerindo que todos entrassem em contato com ela que ela estaria disponível para tirar as xerox de quem não tivesse ainda o texto. O que acontece é que talvez essa informação não tenha chegado à você.

Senhora a: Não, não chegou.

João Rêgo: Então, ninguém está impondo nada, apenas está se fazendo um trabalho para, Adriana inclusive ontem passou a tarde toda tirando as xerox, encadernando e tal, para que chegasse na mão dos colegas. Então, ninguém está impondo nada, apenas é um texto fundamental e que foi definido que esse texto devia guiar, como guiou durante duas décadas ou mais, a formação do analista lacaniano no mundo inteiro. Então, é um texto, que é, vamos dizer, o ponto de partida para a formação. Então, eu queria que você se abstrairse dessa sensação de que alguém está impondo. De maneira nenhuma, isso aí é uma forma, ninguém está cuspiendo na água de ninguém, pelo contrário, estamos levando uma água com afeto, sem o arsênico da colocação de Eugênia, de modo que, cada um de nós, virando noite, fazendo transcrição, fazendo cópias, para chegar à vocês, de uma forma gratuita, altruísta até.

Estela Gueiros: Eu acho interessante, porque você está fazendo juz ao que a

Eugênia coloca na questão da administração do poder não é? E eu gostei dessa colocação dela no sentido que ela não é nem psicológica nem psicanalista nem terapeuta, que traz um condicionamento prático que é como funciona o grupo, como é que as coisas acontecem. As expectativas, o poder no grupo, a institucionalização, então ou acredito que são coisas muito pertinentes na discussão do momento, porque elas estão vindo de outra forma.

Rachel Bastos. Eu acho também que quando ela diz foi decidido..., e aí também para mim ficou, foi decidido como e com quem e por quem. E aí também para mim ficou foi decidido como e com quem e por quem, porque aí deveria, naturalmente, é um texto fundamental mas que foi definido como? Porque até agora eu também não tive conhecimento, eu soube ontem, quando João me disse. Eu disse: “Ah, mas eu não preciso porque eu tenho o livro todo, o TEAR esse texto está no TEAR e eu tenho o TEAR, quer dizer, de fato eu concordo com Lídia quando poderia ter sido definido no último encontro, ou nesse encontro pro próximo encontro. Seria uma coisa mais democrática, digamos, não é? Ficou meio que impositivo. Eu também fiquei assim, pensando, quando você disse: “- Está aqui o texto e é tanto. O texto e é tanto.” Então, eu acho que cuspe não tem não, mas não sei se essa água está tão potável. O afeto que você fala, não é da sua parte.

Ana Lúcia. Isso não é a forma não? Quer dizer, o texto eu acho que foi sugerido, no sentido de ser alguma coisa interessante que você possa ler e em cima do texto pensar outras coisas. Quem não quiser ler, não lê. Agora, essa forma de fazer isso, de passar esse texto pode ter tido essa conotação que Lídia está falando, mas eu acho que é uma sugestão de leitura para abrir outras perspectivas e outras reflexões pessoais, individuais de cada um, sobre a formação, não é não?

Rachel Bastos. É, eu também me coloquei, como ela se colocou que sentiu, como Estela parece que de certa forma também concorda. É exatamente essa forma. Não é que é errado ou é certo, aliás, é positivo, tem aspectos extremamente positivos, não é? A escolha de um tema que é

interessante que se trabalha desde anos e anos. Óbvio que a gente teria que ler, se a gente está pensando em discutir formação psicanalítica. Agora, a forma como, eu concordo que...

Senhora a. É, eu estou colocando a forma como está sendo apresentada.

Rachel Bastos. A validade em si, é indiscutível. A validade em si, é indiscutível.

Estela Gueiros. É isso que eu estou dizendo, a gente está falando do fenômeno da liderança, do poder do grupo. A gente está vivendo isso. Das propostas de se trabalhar isso. Como é que as coisas acontecem? Como é que se decide? Como é que se...

Eugênia Menezes. Eu concordo perfeitamente com Estela. Eu acho que o poder não pode ficar solto pelo meio da casa para, tem que reunir alguma coisa. Se ficar solto no meio de casa, cada um vai dar um chute nele, nós vamos peitar uns nos outros.

Fernanda Amazonas. Pode ficar tranqüila que o poder não fica solto em meio de casa nenhuma. Agora eu acho uma extrema susceptibilidade essa questão do poder, não é? Uma frase somente que se diz, uma frase que eu digo e que é jocosa, uma frase que eu compreendo até como uma brincadeira está aqui, me dê 8, tal, as pessoas já ficam, não é? A coisa já toca aqui, causa um transe. Eu acho que até mais do que discutir a questão do poder, que está presente em qualquer relação, não precisa nem a gente se estender sobre isso, que cada um de nós aqui sabe disso e vive isso e exerce o poder nas relações e é vítima do exercício do poder nas relações, eu acho que é uma perda de tempo discutir isso, está escamoteando alguma coisa na minha impressão. Eu acho que talvez seja até mais produtivo a gente discutir porque é que está existindo tanta susceptibilidade à essa questão. Eu acho isso extremamente chato, porque isso vai acontecer a cada reunião. A cada reunião alguém vai dizer: “É esse o texto, vamos discutir a partir disso.” Quer dizer, se fica nessa coisa de beirando a questão e “Ah, porque disse assim, disse assado”, eu acho na verdade isso, num grupo que sabe que existe poder, que existe uma relação de poder em toda e

qualquer relação, a discussão disso eu acho que está escondendo uma outra coisa.

Estela Gueiros: Fernanda, uma coisa que eu queria colocar, eu acho que a gente está falando duas coisas: uma é trabalhar as questões do poder no grupo e as coisas subjacentes, que seria um tipo de trabalho que eu acho que nem sei se é a proposta do Paulo. Outra é a gente perceber que é o fenômeno, e todo mundo sabe, e como é que a gente lida com isso aqui? Como é que vai ficar definido que trabalho a gente vai ler, que discussão a gente vai ter no próximo encontro ou nesse? Eu acredito que é pertinente e não é uma escamoteação. Eu acho que é um dado de realidade que a gente está vivendo. A gente está vivendo alguma, o grupo está vivendo isso. Foi trazido, porque já foi percebido em outra, agora não foi não foi numa visão analítica, nem terapêutica, uma visão sociológica e grupal. Eu tenho a impressão que a gente está vivendo hoje essa questão da definição, como é que a gente vai operacionalizar o poder aqui. Ele é situacional, ele vai ficar na mão de alguém hoje, amanhã? Que ele vai circular no grupo, isso é evidente. Mas como é que a gente o operacionaliza, esta é a questão. Eu acho que é pertinente, continuo achando pertinente.

Edna Porto: João, deixa eu falar uma coisa, porque eu tenho a impressão de que eu percebi a opinião de cada um, um tanto diferente. Não tive a impressão de alguém que se excede na sua susceptibilidade ou que tenta inserir como tema o que é da ordem da susceptibilidade. Mas eu penso que as coisas acontecendo assim dessa maneira que você descreveu, acabam dando a conotação da gente, um estilo muito escolar, que aí eu acho muito perigoso, porque a gente fica com expectativas e perspectivas de se comportar como aluno, e uma formação é uma coisa muito mais complicada do que você seguir um currículo, uma burocracia qualquer que você dá conta de fazer movimentos assim ou assado, ser aprovado ou ser reprovado, tirar boa nota ou tirar má nota. Eu acho que a gente precisa mesmo que as informações circulem, mas que haja uma possibilidade de nossas ações sejam acolhidas naquilo que as determina, que muitas vezes é nem querer saber do texto que há para ser lido.

E chegando aqui _____, porque também _____ de mim. Então me parece muito mais acordar algo da ordem de um estilo escolar e da precariedade disso para o que se passa aqui do que no lugar da susceptibilidade, que aí eu concordo com você. Quando _____ susceptível se torna dinâmica de grupo ou qualquer coisa dessa ordem, que realmente não é o propósito do nosso grupo.

Paulo Medeiros: Só para eu entender um pouco, o que é que está sendo questionado? É o texto em si, a forma da distribuição do texto? O que é que está sendo?

Estela Gueiros: Eu tenho a impressão, que a gente está discutindo um pouquinho abaixo do que você falou. A informação é dada, mas quem definiu quem seria esse, essa visão, dar essa informação. Quem definiu - aí eu digo que tem poder mesmo -, que seria esse texto? Foi o grupo? Foram os apóstolos? Foram os tracistas? Quem?

Paulo Medeiros: Fui eu.

Estela Gueiros: Então pronto, eu acho assim: definir a partir daí. Incomoda se Paulo define e a gente vai ler? Como é que a gente vai lidar com isso? Eu acho que a proposta é da gente discutir isso aqui. Como é que a gente lida com as decisões e para as informações, para...

Manoel Gomes: Eu acho muito importante, como Paulo disse: "Quem definiu fui eu." Antes da reunião anterior que eu não consegui chegar aqui, essa graças a Deus eu consegui. Antes da reunião anterior eu tinha dito a Paulo esse texto "A Proposição". Então eu diria que não foi ele, fui eu.

Estela Gueiros: E foi uma demanda do grupo também.

Manoel Gomes: Não, do grupo não, minha.
Pedro Leonardo: Deixa eu falar uma coisa bem prática em cima disso. Eu acho que, como eu disse para o grupo: a gente vai discutir o que será discutido. A propósito Paulo falou que as conclusões serão tiradas depois. Não, porque no sentido de que, veja: eu não tenho nenhum apego a nenhum texto para que a gente fique fixo a

ele e que a discussão seja em cima do texto, apesar de achar que a gente tem que ancorar-se sobre um texto, fazer laço num texto. A gente não está aqui para fazer dinâmica de grupo, ou para dirimir questões relativas ao prestígio, ao poder. Agora é uma coisa prática nisso aí; é que na outra reunião, ao final da reunião nós definimos os textos para essa reunião, não é? Então eu acho que é a partir daí que a gente tem que se guiar, porque não é só a questão do: "Não, porque foi Paulo, não vamos escolher esse texto." Não! É uma questão de ser ou não exequível, porque se diz a semana passada que vai ser esse texto, não deu tempo. E a gente tinha texto já pronto de outra reunião, isso já... esses textos aqui, iniciais que a gente ficou de reler para essa reunião de hoje, a transcrição da outra reunião...

Paulo Medeiros: Que ficou arretada.

Pedro Leonardo: Só um minuto! A transcrição da outra reunião e o texto de Eugênia. Eram esses três textos que ficou para discutir hoje. Então se a semana passada, seja lá quem for, no caso Paulo foi você, a semana passada providencie que se tire cópia para ser distribuído esse texto para ser discutido hoje. Aí atropela. É uma questão prática. Eu ia discutir, veja, a gente tem que discutir aqui ao final da nossa reunião qual vai ser o texto da próxima reunião e pronto. O prestígio, o poder, vai existir sempre, mas isso é óbvio.

Edna Porto: Eu acho até que quando definir um texto alguém tem que ficar responsável por uma apresentação mínima do texto.

Pedro Leonardo: Só um minuto, só uma coisa, perai! Ana está falando.

Ana Lúcia: É, me disseram que era para ler "A Proposição" eu até achei estranho, "oxente aqueles todos". Porque eram muitos.

Pedro Leonardo: Ficou a culpa de João

João Rêgo: Essa informação, como Paulo disse, ele achou que o texto Proposição seria o texto central desse seminário de hoje, foi passado para mim e nós comunicamos há uma semana atrás essa decisão. Eu acho que a falta de comunicação talvez tenha sido por conta da

viagem de Paulo. Ele passou a semana passada fora e talvez isso não tenha sido discutido, comunicado da forma devida. O que me coube, tanto a mim como a Adriana, foi apenas operacionalizar a reprodução desse texto e mais Adriana no caso Proposição; a minha foi de lembrar, na quinta-feira passada eu disse: "Olhe, Adriana está com o texto, quem quiser tira e tal, porque a idéia é que esse texto ele seja o texto central da discussão. Não é que os outros não devessem..."

Pedro Leonardo: Do próximo encontro. Na reunião anterior a gente tinha decidido que tinham outros textos, mas não lemos os textos. Então não dá para gente, uma semana antes, a gente usar isso. Aí há prestígio numa história, há, mas vai sempre haver em qualquer circunstância. O que eu estou falando, é preciso exercitar o poder melhor.

Ana Lúcia: Porque se não fica confusão... a coisa fosse resolvida de outra forma que ninguém sabe como foi, não é? Porque se ficou estabelecido que ia ser esse texto primeiro e de repente, não sei quantos dias... não é esse, mas é tal; e aquele? Não, não é, é esse. Ninguém sabe como isso aconteceu.

Paulo Medeiros: Peraí. Tem uma frescurinha no meio dessa história. Tem muita frescurinha aí, porque a gente discutiu na vez anterior; uma das frescurinhas que eu tava me lembrando é o seguinte: a gente discutiu da vez anterior a Proposição aqui, e eu entendi, - pode ser um mal entendido -, eu entendi que a Proposição ficou para ser discutida justamente porque foi trazida, até registrada na transcrição. Então foi em relação a isso. Agora, minha gente, é só para falar disso, é? Claro que não. Então, vejam só! Talvez o que possa acontecer é eu correr demais. Porque, eu confesso a vocês, eu tenho uma certa sensação de *dejà vu*, então é como se eu também tentasse me localizar e localizar este grupo num contexto histórico. Há uma história, essa coisa, a formação não é algo opinativo, a formação tem um contexto histórico, tem um contexto experiencial de análise e, acima de tudo, há um contexto de teorização para isso. Então é nesse sentido que esses textos estão sendo distribuídos; agora se estão sendo muitos

ou muito depressa ou a forma está sendo inadequada, aí tudo bem, não é? A gente pode conversar sobre isso.

João Régio: Eu apenas gostaria de esclarecer, talvez essa forma que feriu a susceptibilidade de Lídia, tem um aspecto que nós bancamos as publicações. Para a gente reproduzir as apostilas, o dinheiro vem de meu bolso. A gente paga, está certo, e depois vou ter que pegar, inclusive disse aqui o valor do texto, que tava colocando um pouco acima do valor para o que sobrar comprar volumes desses e deixar aqui no TRAÇO. É um evento, por exemplo o Zubernann agora, deve-se ter uma certa quantidade de exemplares para serem vendidos como publicação do TRAÇO. Talvez aí, eu não sei se inconscientemente eu tenha passado uma certa ansiedade, porque tenho andado liso prá caramba e tenho, estou pagando do meu bolso, está entendendo Lídia? Aí talvez, eu não sei se tenho passado: “Lídia, R\$ 8,00.” Não sei se fui grosseiro ou fui, não sei, faltou sensibilidade. Eu gostaria até de que, dizer o seguinte; “Eu acho que esse momento é um momento, talvez de aquecimento e que é muito bom que seja colocado assim abertamente. Eu acho muito bom isso. Agora, o que ele coloca com certa razão: foi planejado, decidido, e que houve um certo atropelamento em termo de texto. Isso, eu acho que isso é o suficiente para entender que daqui para diante a gente já deve, no final da reunião, planejar a próxima...”

Pedro Leonardo: A gente fez isso.

João Régio: Sim! Mas atropelou...

Pedro Leonardo: Sim! Pode se atropelar novamente.

João Régio: Não, mas eu acho que isso...

Pedro Leonardo: Até entendo isso. Não, agora, Paulo está dizendo aí de que talvez esse texto tivesse no planejamento. Você não disse isso Paulo, agora? Não, então pronto.

João Régio: Eu só queria tentar ver ...

Paulo Medeiros: Para mim, na minha cabeça tava. Até porque foi um texto trazido para gente discutir.

João Régio: Eu só queria tentar ver se a gente começava o trabalho, porque a gente está a uma hora e meia aqui já.

Paulo Medeiros: Não, mas isso faz parte.

Pedro Leonardo: A gente está trabalhando!
Paulo Medeiros: É, isso a gente está trabalhando. Não se agonie com isso não porque isso também é trabalho. Agora talvez o que já haja,textos suficientes por um bom tempo... Pode ser que a gente possa dar uma parada nesse momento, porque quantos textos nós já temos mais ou menos distribuídos, cinco, seis? Então nós já temos seis textos distribuídos. Seria o caso de dar uma parada nessa distribuição de textos para que haja inclusive tempo para metabolizá-los, senão a gente engole pílula a seco. E, além disso, só para lembrar, que para gente ler esse texto de Proposição, há um contexto dele que está nos escritos de Lacan, que aí a gente precisa distribuir para que todo mundo tenha isso aí.

João Régio: Tanto que Lacan na apresentação, ele faz uma referência e esse texto é ligado a situação da Psicanálise e Formação Psicanalista de 56. Parece que isso foi traduzido para o escrito em português.

Paulo Medeiros: Tem. Eu acho que nesse resumo, quer dizer, os estudos resumidos que foram publicados, tem. Tenho certeza não, mas tem sim. Tem.

Paulo Medeiros: Mas é assim mesmo, acho que as coisas caminham desse jeito, e é bom que caminhem assim. Me lembro, essas discussões não me agoniam em nada, ao contrário, elas são muito favoráveis aos desdobramentos. Mas há uma coisa que eu gostaria de registrar, assim; isso aqui (segurando na mão o Caderno do Traço no 01) eu achei uma coisa, um trabalho privilegiado, esse caderno da transcrição das nossas discussões anteriores. Saiu como o Caderno do Traço no. 1- Formação do Analista. É para mim muito simbólico isso, da Formação do Analista acontecer o primeiro caderno do TRAÇO. E uma das nossas marcas, espero que prevaleça, é justamente a respeito das publicações. São, por mim, isso aqui dá início a uma série infinda de trabalhos que sejam

trabalhos originários daqui, das nossas discussões. E inclusive já temos uma questão para o grupo no sentido, o João está gravando essa discussão, será um outro caderno. O primeiro caderno teve o trabalho do próprio João, assim, um trabalho braçal de fazer a transcrição que a gente sabe o trabalho que dá isso, fazer uma transcrição de 3, 4 horas de fita; é uma coisa que o próximo precisa ser pensado também e até pago para se fazer um trabalho desse, porque eu acho um trabalho privilegiadíssimo manter esse nível e esse pique. Não sei se todos leram, mas há algo, assim, muito inusitado aí, muito novo, quer dizer, novo no sentido de que é nosso, produzido aqui, das nossas falas, das nossas conversas. Um excelente trabalho deste grupo.

Everaldo Soares Júnior. 2 horas e 10 minutos.

Paulo Medeiros. De que?

Everaldo Soares Júnior. Desse texto.

Paulo Medeiros. Talvez a gente pudesse conversar e saber como a gente terminou...

Pedro Leonardo. Você chama a atenção para um coisa importante, que é contextualizar, importantíssimo, agora eu acho muito importante também, *pari passu* que a gente cada vez mais, fale sobre isso, o que pensa, o que acha. Porque isso está escrito já, e a gente pode ler, pode paralelamente, pode ler fora com calma sobre o que pensou, sobre o que leu, mas o que cada um tem a dizer sobre isso não dá para fazer em canto nenhum e aqui é o ambiente para se falar sobre isso.

Fernanda Amazonas. Olhe, desde que Eugênia começou a ler o texto, do meio para fim, como não chegava a coisa do, objetivamente, a coisa da Formação, não é; eu comecei a pensar na dor dessa Formação.

Paulo Medeiros. Na o quê?

Fernanda Amazonas. Na dor, na dor do aprendizado. E o texto serviu, e numa coisa ligeirável(?), não me detive, li junto com ela, me parece que há um caminho de Eugênia quando ela se dispõe a relatar o que foi aqui a nossa primeira reunião, em primeiro como se um processo de

calçamento dessa dor através da brincadeira. Eugênia faz um longo caminho no texto rememorando coisas do passado dela, mas na brincadeira, na ironia, na piada. E quando entra na verdade, de forma objetiva, e claro que todo texto é sobre a Formação, e é sobre isso que eu estou tentando dizer algumas coisas; quando entra na verdade, na hora da onça beber água que é a hora de relatar o que aqui se passou, uma frase desde ela ler o texto, me ficou. "Para ser psicanalista eu não abro mão do que eu aprendi, com meus filhos, com a vida, com isso, com aquilo outro." Quer dizer, na verdade eu acho que quando Lídia levantou a questão do poder e eu disse que tinha uma coisa por baixo, o que eu estava dizendo é que na verdade o que me parece que está por baixo nisso é a dor mesmo da Formação, a dor do aprendizado que é muito grande e muito profunda, todos nós sabemos disso. Sobretudo porque aqui nesse grupo nós estamos divididos em duas categorias de uma mesma classe. Aqueles que tem já a Formação, os formados e aqueles que estão tentando a Formação. Então eu acho que a questão para mim que está por baixo que é fundamental, é essa mesma, o quanto é doloroso o aprendizado e o quanto a gente está tentando aqui comer pelas beiras essa dor. Eugênia com um texto e depois essa discussão, absolutamente no meu ponto de vista, supérflua, do poder. Então o que eu estou sentindo é isso, é que a gente não está querendo entrar no assunto. A gente está tentando escamotear. Veja que já foi reclamado aqui: "Estamos aqui a uma hora e meia." Diz Pedro: "Estamos trabalhando." Estamos, mas eu tenho a impressão, eu pelo menos estou sentindo que o trabalho de uma hora e meia pelas beiras, pelas beiras e pelas beiras, é talvez até para amortizar ou acolchoar essa ferida central que é a ferida do próprio aprendizado quer igualar a ferida da ignorância, do não saber. Esse é o meu sentimento.

Eugênia Menezes. Eu acho que o que Fernanda está colocando é uma frase desse trabalho, não é, que pegou uma frase. Estes foram meus desamparos, se eu não me engano.

Fernanda Amazonas. Talvez essa frase seja o que nós estamos passando aqui a cada vez que chegamos para a Formação,

para reuniões de Formação. Mas eu fiquei muito,...., a frase que ficou em mim em contraposição com aquela primeira parte toda de brincadeira, foi quando você diz: “Eu soube que para o aprendizado da psicanálise, eu preciso desaprender tudo que já aprendemos, e eu não quero desaprender.” É esse nó aí que é muito duro; você num determinado momento você chega a conclusão que é preciso mesmo desaprender. E aí, você vai entrar num vácuo ou você vai entrar num vazio; não saber mais nada para poder aprender alguma coisa. Eu acho que é esse momento aí que é uma dor muito grande, a gente de repente se vê desamparada no sentido de não saber nada.

Ana Lúcia: Eu acho que se trata de um saber, não é um saber acadêmico, diferente, a Formação não é acadêmica. Eu me lembro dessa história que Pedro se falou no dia da reunião dizendo que ele teve que desaprender tudo de psiquiatria, inclusive para poder,.... não foi?

Pedro Leonardo: Para poder aprender com os doidos da minha infância.

Ana Lúcia: Exatamente.

Pedro Leonardo: Agora, o saber eu acho aí que, eu acho, com base no que você está dizendo, sobretudo o saber do inconsciente, não é? Que é o “não saber”? Porque para chegarmos aí, acho que como você fala: a Formação é o que? Acentua ou você dá de cara com a ignorância, mas a ignorância da verdade do inconsciente.

Alguém: Sim, pois é essa!

Ana Lúcia: Não quer dizer que você vai deixar de saber do que você aprendeu antes.

Fernanda Amazonas: Ninguém tava dizendo isso! Muito pelo contrário.

Pedro Leonardo: Há uma articulação importante que você está fazendo: Formação e o “não saber.” E o desejo inconsciente. Então, que maneira se articula: Formação Psicanalítica e desejo, desejo do inconsciente.

Everaldo Soares Júnior: Formação do Analista ou Formações do inconsciente.

Pedro Leonardo: Exatamente.

Taciana Mafra: Colocar de forma em que esse “não saber” é alguma coisa perpetuada. Não tem como escapar; nada ficará...

Fernanda Amazonas: É uma ferida permanente. Então para gente se acercar dela é preciso antes nos defendermos dessa dor profunda. Então vamos fazer a brincadeira, vamos tratar de temas que são apenas muito periféricos, mas não vamos entrar nessa ferida que é tão grande.

Estela Gueiros : Eu acho extremamente pertinente, Fernanda, o que você está falando, inclusive me faz repensar assim: enquanto Eugênia traz um modo de não desaprender, eu me coloco assim, eu me acho um meio em informação, isso tudo é de uma clareza muito grande porque, até para eu chegar no TRAÇO, até o local eu sabia e ficava atabalhoada sem saber onde era, você entende?

E entra assim, eu não me sinto em Formação, eu não tenho formação, eu não quero ser psicanalista. Eu fiz 50 anos e comecei a ser terapeuta,que eu estou aqui, o que é que eu estou atrás? de Lacan, não sei nada de Lacan, eu não sei quase nada de Freud; é uma questão da dor mesmo, dá ... eu pelo menos me alívio com a (...) a dor de não saber.

Rachel Bastos: Eu acho muito bonito quando Eugênia fala que ela entra aqui com 3 verbos: escrever, conversar e... que mais Eugênia, esqueci agora.

Eugênia Menezes: Estudar.

Rachel Bastos: E estudar, e ela, no fim do trabalho ela conclui que isso se transforma em outros objetivos que é seguir a ética e a responsabilidade.

Everaldo Soares Júnior: E a competência.

Senhora a: E talvez, talvez eu tenha me baseado ou me influenciado ou sei lá que “ado”, precisamente nisso. Acho que é essa transformação, é com essa transformação que eu me ocupo.

Paulo Medeiros: A história do poder é muito interessante, porque quando eu disse: fui eu, eu disse isso porque ao mesmo tempo eu tava me lembrando de umas histórias... uma vez conversando - uma dessas histórias que Ariano Suassuna conta, ele é muito engraçado, todo mundo sabe disso. Então uma vez ele tava contando a história de um sujeito que foi acuado, um sertanejo, eu tava me lembrando dessa história, um sertanejo forte, tal como o do Euclides da Cunha, eu tava me lembrando disso, um sertanejo foi acuado por uma onça que estava atacando um rebanho e não teve jeito, era ele ou a onça. Então ele enfrenta a onça e consegue matá-la. Mas sai de lá todo borrado, um medão danado. E quando encontrou o patrão, o patrão disse:

- Quem matou a onça?

Ele disse:- Fui eu!

- E isso aí, o que foi?, referindo-se à borradeira nas calças.

- Foi ela!, retrucou o sertanejo, apontando para a onça.

Eugênia Menezes: Esse texto eu entreguei no fim de maio e de lá para cá ele remói muito na minha cabeça, ficou indo e vindo, indo e vindo, não só o texto em si, mas a questão, e eu disse aqui no grupo, não me lembro exatamente quando, que eu tenho um passo além do texto e seria assim, exatamente em relação a esse aspecto que você diz eu não quero esquecer nada. Eu disse, eu entendo que eu tenho que fazer, construir duas pontes: a primeira é desfocar o grupo para focar o indivíduo, tirar a minha unidade de análise de cima do grupo para botar num indivíduo.

Fernanda Amazonas: Desaprender sociologia.

Eugênia Menezes: É! E a outra ponte seria pegar esse indivíduo na dimensão inconsciente. A primeira ponte eu acho que eu imagino o indivíduo com ele próprio, sozinho no meio do mundo. Ele com ele. Agora a segunda ponte é um branco para mim. É um mistério.

Rachel Bastos: E vai continuar por conta do “não saber”. Essa perpetuação que Taciana enfatizou, do “não saber”. Quer dizer, quando eu digo, vai continuar (...).

Fernanda Amazonas: É porque aqui na verdade, voltando ao que eu disse, que a

gente aqui está dividido entre os analistas e aqueles que estão em formação...

Taciana Mafra: E os analistas, não?

Fernanda Amazonas: Hein?

Taciana Mafra: E os analistas não estão em formação?

Fernanda Amazonas: Para mim os analistas são o suposto saber. E é com isso que a gente aqui se defronta, com o “não saber, que somos nós que estamos em formação e aqueles que também não estão mas estão aqui por _____ e nem sabe direito bem porque é que está aqui, não é, e aqueles que tem o suposto saber.

Rachel Bastos: Não eu discordo Fernanda. eu acho que os analistas que, talvez você está querendo falar e talvez como a gente compreende aqui, se fala sobre eles, são os que estão em prática psicanalítica, que estão aprendendo, mas não, porque o suposto saber pode estar no que está na prática ou no que está, no que não está na prática e vice-versa. O “não saber”, mas talvez como Taciana disse o analista também continua em formação, ele vai estar sempre em formação.

Everaldo Soares Júnior: Acho que tem a frase que teu analista falou, como foi? “Que faz parte do teu processo”. Continua. Faz parte do teu processo. De tirar essa idéia da formação como algo acadêmico acabável, mensurável, 2, 3 anos etc, tais e tais condições, e sim, faz parte do teu processo, como está no texto de Eugênia.

Eugênia Menezes: Mas veja bem! Para mim é diferente. Eu ouvi...

Edna Porto: Ah, eu queria, ...,você me dá um aparte dessa palavra? Eu acho que você me deu a deixa que eu tava querendo ouvir. Eu tava ouvindo aqui palavras que eu já disse muitas vezes: formação, dor, saber e não saber, desaprender, aprender outra coisa, mudar de lugar em relação ao que sabia, o atabalhoamento com a chegada aos lugares, essa dificuldade de movimento, o suposto saber, e eu fico escutando isso, eu também faço essa coisa Eugênia, que você descreveu no seu texto de às vezes, assim, criar uma posição em relação ao que está sendo dito e que a

gente fica meio vagando eu fico achando isso muito religioso, sabe, como se a gente acabasse com o descrever a Formação do Analista como um rito iniciático, um rito iniciático que nos conduz a uma posição que fica muito semelhante a você entrar numa seita, como se a Formação tivesse um formato e acabasse fazendo a gente chegar ou não ao reino dos eleitos, como você botou no seu trabalho, e eu acho que isso é um caminho muito perigoso, muito perigoso! Até porque esse que... a dicotomia nem é, está uns em formação e outros formados. Eu acho que essa formação realmente não acaba nunca e espero ser capaz até de dizer porque eu acho isso. Acho que realmente não acaba, acho que há pessoas assim em diferentes lugares onde elas são essa formação aqui, gente que já está na clínica há muito tempo, gente que não quer nem ir para clínica, gente que estar esperando o momento que isso vai acontecer e essa formação local porque a gente está na clínica, mas a gente, às vezes, fica sem saber escutar mais, sabe, a escuta da gente se modifica, a gente tem a impressão, às vezes, de que nunca ouviu direito, a gente tem, às vezes, a impressão de estar ouvindo bem e essas coisas são tão lábeis (?) que a gente realmente verifica na prática que você nunca está completamente instalado nessa posição, que você está nela, está podendo (des)estar a qualquer hora, e eu não acho que seja por conta de um rito iniciático mais ou menos religioso. Eu acho que essa coisa de você percorrer um caminho complicado até chegar a um fazer, se aplica a qualquer coisa. Agora, em relação a ser analista eu penso que porque somos pessoas cuja marca é o ouvir, aí nos coloca umas exigências, umas exigências como essa de você está perpetuamente precisando se manter a um determinado lugar em relação à teoria que lhe embasa e a circulação do discurso porque se não você perde essa possibilidade de escuta. Eu acho uma posição exigente, exigentíssima, porque você tem que ouvir sem falar as palavras do outro, sem falar _____ dele; essa é uma coisa muito difícil de manter. Eu fico pensando se seria por isso apenas que a gente faz esse movimento tão escolástico, tão da religião, tão parecido com a religião ou se há outras conseqüências disso, e é realmente uma coisa que eu não consigo ainda alcançar, porque é que fazemos esse

formato, esse discurso tão, tão parecido com a religião? Na realidade ninguém é menos ou mais sério porque se torna um analista. Eu não acredito que um sociólogo tenha sido menos sério em sua formação do que um analista é. Não acredito que haja, do ponto de vista da qualidade profissional, uma exigência maior. Eu acho que o que há é a especificidade de que a função é a função da forma (?), você, a posição de escuta é uma posição de umas exigências muito peculiares. E aí a tentativa que eu faço é de tentar escapar dessa farsa religiosa porque acho que aí a gente perde mais que ganha.

Estela Gueiros. Então quando a gente estava falando do poder, quando fala do poder, eu acho que nós ficamos entrando em formas, assim, porque é muito pertinente falar de Fernanda, porque eu acho que tava muito é... analistas e quem é analista e quem está entrando, e a gente encerrou sem saber como é que rola isso, a gente, ajeita _____ do poder e entra muito isso que ela falou, a questão da dor, do "não saber". E eu me lembro de quando Pedro estava falando,... de esquecer tudo, eu não concordei o que aconteceu comigo, eu me agarrei mesmo na minha resistência, me agarrei mesmo por conta da formação. Então é negar, assumir, porque então eu me apeguei mesmo, achei ótimo, eu não vou ter que esquecer nada, eu vou poder transformar. Mas talvez parta de uma resistência minha para entrar nisso, para mim fica até em trabalhar em outro nível, meu trabalho pessoal que para mim está aqui e acho que a gente que está entrando tem muito por aí. Mas se você complementa trazendo isso que esse, como Fernanda colocou, lugar de não saber do saber que a gente no momento é importante se situar num lugar, ao mesmo tempo ele não existe em termos de lugar geográfico, ou em um lugar determinado, mas ele é uma eterna busca, e que sabe... não é Hegel, mas é também. É a dinâmica, é a dialética, você vai, não vai, esse desmanchar desse aprendizado, esse até aprender a aprender, essa abertura a vida, a transformação que eu acho que é fundamental e importante nisso que você está trazendo, vai ser um desafio constante contínuo de quem está na busca. Agora para mim esse momento da descoberta desse lugar de não saber, é importante e me traz muito, é... e alia a questão do

poder e a gente tava discutindo isso aí. eu acho que perpassa esse sentimento da mistura que fica oculta, encarnada, desencarnada, incolor, da forma da gente de poder inibir (...)

Oh, não sei se eu consegui fazer o que,....., eu estou elaborando para mim,....., eu consegui me escutar.

Senhora a. Eu acho que eu estou me sentindo meia como eu estou me sentindo, como em todas às vezes, assim,, dividida. Mas é, porque, primeiro, se vocês acham que o que eu falei foi só uma quentão de poder, eu me sinto uma débil mental, porque não foi isso que eu propus. Segundo, se eu sou muito romântica ou muito moderna como diz meu mestre preferido, lamento, mas é o que eu sou. E na verdade o que eu estou perguntando é: tem espaço para eu ser como eu sou aqui, ou não tem?. Porque se é: hoje a gente vai ler isso, esse não é um estágio que eu queira; e eu acho que minha dúvida está muito por aí, que eu estou virando pelo avesso e eu me vejo fazer das tripas coração, eu estou fazendo do coração tripa, isso eu estou. Isso eu sinto no meu consultório, isso eu sinto na minha casa, isso eu sinto nas minhas entranhas mesmo, sinto! Agora, como é que eu vou lidar com isso, aqui é que está sendo a minha pergunta. Não, ainda tem mais. Tem mais. Que eu acredito mesmo, mesmo, que eu apesar de, tal como a colega, ter virado os 50 anos, eu de fato, eu não sei eu me aposento ou se eu aprendo, não sei. E tem uma questão, inclusive quando você leu Eugênia eu felicitei mesmo, amei, quando você diz: transformar leitura em ética. Essa é uma ocupação e uma preocupação minha, sim. Então eu não quero ficar entupida de leituras que não possam ser transformadas em competência, em ética, em dignidade, sabe? Dignidade é uma palavra muito amagal, acho que não existe isso não, mas é minha sensação, é muito essência mesmo. Pronto, agora eu acho que acabei.

Eugênia Menezes: Eu queria retomar a questão das duas pontes que você pediu para, ...,mas foi ótimo, você deu a dica, é, eu tava dizendo que eu acho diferente eu ouvir que será sempre assim, como Raquel colocou, que dizer assim, a primeira ponte eu acho que eu consigo fazer, mas a segunda é um branco. Aí você disse: será

sempre, não é? Então é diferente eu ouvir de alguém...

Rachel Bastos: No sentido que vai se questionar sempre, não é, nesse sentido.

Eugênia Menezes: Mas é diferente eu ouvir de alguém que será sempre assim, de que eu me sentir no miolo disso, entende? Então, essa segunda ponte é quando eu pular da ponte dentro desse buraco. Está percebendo? E eu não sei nadar, ainda tem mais essa. É o trágico pelo cômico, não é Fernanda?

Fernanda Amazonas: É. Eu acho que as coisas que Eugênia está dizendo está reforçando. Lídia diz: eu não falei do poder, mas se for assim eu não quero. Ela não quer que João diga a ela, mas ela quer dizer. Então, é isso. Isso parece, que, que não há como. É a gente está querendo fugir das coisas, mas é isso mesmo. "Eu não falei do poder, eu não disse isso, mas se for para dizer o que eu tenho que ler, eu não quero." Isto é, o que é que finalmente se quer, não é ? Eu acho que, é isso que ela quer?

João Rêgo: Eu acho que a intervenção de Lídia final, ela coloca e aí dá para gente entender a questão da leitura transformada em ética. A preocupação é não ter um volume muito grande de leitura que não dê tempo para transformar em alguma coisa útil. E ela talvez retomemos a advertência de que se estabeleceu o texto, não foi explicitado que esse foi o texto que ia entrar e talvez isso tenha sido o que atrapalhou um pouco. Eu acho que como Paulo falou e apesar de que há um momento em que se fere, eu acho que a gente está aqui exatamente para ultrapassar isso, senão a gente não está fazendo psicanálise. Se a gente não tem a capacidade de ultrapassar as nossas dores, as nossas dificuldades, eu estou lembrando agora da história do porco-espinho, acho que Freud falou isso? Somos todos porcos - espinho, quando se aproxima um pouco,mas aí eu acho que é o grande desafio da gente aqui, ultrapassar tudo isso para ter acesso e produzir um saber psicanalítico, que um saber sobre o inconsciente.

Eugênia Menezes: Ultrapassa não.

João Rêgo: Ou suportar pelo menos.

Luciane Araújo: Eu acho que tem outra... fale!. falando um pouco do meu percurso. Eu acho que eu já tenho circulado (...) mas eu passei uma boa parte desse tempo perto, mas distante; eu acho que foi o contato com essa coisa assim, da ignorância, e a minha reação, digamos, a essa dor é, foi sempre uma imersão meia parcial. E uma coisa boa que está acontecendo, eu acho que nos últimos quatro meses eu arranjei outra forma de conviver com isso, de suportar, e quero assim, colocar o meu alívio e até alguma leveza no contato com Lacan. Quer dizer, eu estou conseguindo ter prazer em ler Lacan. E, estou me sentindo mais ligada a esse porto, e chegando mais perto.

Paulo Medeiros: Luciane, esse, acho, é o caminho altamente desejável, porque as barreiras e resistências para seguir Lacan são inúmeras e quando se torna um prazer, é muito bom. Não quero nem dizer que seja uma leitura que vá se tornar fácil. Não é e não será nunca, mas que pode ser prazerosa, pode, porque assim é tão instigante, não acha?, quero dizer, está sempre propondo novos vieses de leitura a respeito do inconsciente.

Luciane Araújo: É. eu acho que para mim enquanto é possível, por algum tempo eu achei que era uma coisa muito...

Paulo Medeiros: Isso é um resultado ético.

Estela Gueiros: Eu acho que o que você está falando tem a ver com o que Lídia falou no sentido que ela pediu ao grupo um espaço, se o grupo dava um espaço para ela entrar. Mas eu acho também que a gente está entrando tem que perguntar a si mesmo se a gente quer pagar esse espaço. Parece que seu(...) está dizendo que o grupo lhe permitiu porque você também procurou e você está encontrando o seu lugar e a gente está sofrendo tanto hoje de manhã nessa conversa aqui, eu acredito que é nessa busca, muito gente que está chegando e que está na dúvida se entra ou não, se é permitido entrar ou não é permitido.

Rachel Bastos: Era exatamente a respeito disto que eu ia falar antes de você. É, quando ela começou que eu acho que tem

muita questão aí também, que cada um, a história de cada um, as vivências de cada um, o que é que cada um pretende na sua história, no seu percurso para continuar não só do que passou, mas para continuar e parece que em algumas pessoas isso não está muito claro. "Eu quero fazer psicanálise, eu quero ser psicanalista, não é; aí no momento que a gente não tem isso claro fica difícil, inclusive é exceção do grupo, porque por mais que o grupo acolha e escute e acate, mas fica sempre... agora, quando alguém que não sabe, está questionando, mas, é mais para, por opção de...

Ana Lúcia: Eu acho que Lídia já está bastante incluída no grupo.

Rachel Bastos: Ah, mas eu não estou excluindo.

Alguém: Eu entendi que você tava querendo dizer o seguinte (...)

Alguém: Não, peraí Fernanda, por favor, então...
(conversas simultâneas, risos, descontração)

Pedro Leonardo: Qual o texto que você está lendo?

Luciane Araújo: Qual o texto que eu estou lendo? Lacan? Que eu tenho lido, não é isso? Não, eu tenho lido os textos e as indicações daqui. Agora, o que eu digo assim, viu Pedro? Que eu acho que, eu acho que de alguma forma quando eu vi que eu estou assim mais leve com Lacan porque eu assumi uma parte do percurso solitário que eu fiz com ele, entendeu? Dizendo assim: porque a gente sente mesmo que queimar as pestanas, entendeu? Quer dizer, acho que o grupo pode ajudar, a gente tem um espaço para trocar, mas tem um espaço solitário que com a sua leitura, então eu ficava meia assim... aí vinha, aí quando eu chegava aqui aí não conseguia acompanhar, tem um momento bom que eu estou aqui muito disposta...

Eugênia Menezes: Está namorando com o homem?

Luciane Araújo: Estou namorando com o homem, eu estou dormindo com o homem, pronto!

Eugênia Menezes: Eu perguntei se ela tava namorando com o homem, ela disse que já está dormindo.

Everaldo Soares Júnior: Como é Paulo? O texto do Mustafá Saphouan já foi traduzido? Fala aí de novo, por favor.

Paulo Medeiros: O texto de Mustapha Safouan, se já está traduzido, *Et Maintenant?* (E Agora?), que é uma continuação do texto dele sobre a Formação dos Analistas⁴, creio que tem a ver com esse que está publicado em TEAR.

Pedro Leonardo: Ficou pronto agora no congresso?

Paulo Medeiros: Hum?

Pedro Leonardo: Ficou pronto agora no Congresso?

Paulo Medeiros: Não, essas cópias me bateram em mãos, achei que era uma boa para essas discussões, então a traduzi. É pequeno, sete páginas, oito.

João Rêgo: A idéia viu Pedro, é que a transcrição desse seminário de hoje seja encadernada com esse texto de Safouan, já para economizar porque uma capinha dessa dá uns três reais; a gente vai...

Paulo Medeiros: A primeira reunião foi bem melhor que a de hoje.

Everaldo Soares Júnior: É Paulo, repete isso aí. Estava desgravado aqui.

Paulo Medeiros: Ah, estava desgravado. Eu estou dizendo: Atenção, gravando, alô, alô, um, dois, três. É o seguinte: Eu estava dizendo, Júnior, que achei a reunião anterior melhor que a de hoje e espero que a próxima seja melhor também. Alguma coisa ocorreu em que, pelo menos o pique das discussões da primeira reunião foi, achei melhor, achei mesmo. Porque eu já achei assim meio decrescente. Não sei se é o tema que já não está animando tanto.

⁴ SAFOUAN, Mustapha. **Jacques Lacan e a Formação dos Analistas**. Ed. Artes Médicas, Rio Grande do Sul, 1985

Eugênia Menezes: É a sua gripe, Paulo.

Paulo Medeiros: Poxa, que gripe poderosa!

Eugênia Menezes: Que está interferindo.

Paulo Medeiros: Aliás, dor, a única dor no momento, é a da dor de cabeça por causa da gripe.

Rachel Bastos: Que foi falada na outra, e que ficou definido essa forma de arrecadar o dinheiro e eu ouvi todo mundo se queixando, inclusive eu. Todo mundo se queixou de que não dava certo, que hoje era dia tal e o dinheiro não estava ainda, não tinha sido pago e o telefone toca e não sei o quê, e isso está atrapalhando e as pessoas no meio do grupo, então, e pedindo informação e na hora do trabalho, e se está trabalhando e tem que ver questão de cadê o cheque? E não tem o cheque, e o recibo, e eu não vou pagar sem o recibo, e eu não sei o quê... Então eu queria trazer mais um vez, embora fique chato e repetitivo, como é que vai ficar, se de fato vai permanecer esse esquema que ficou de cada grupo receber para pagar a Lídia. Porque não aconteceu nada disso. No final eu estava com o cheque desde o dia três na minha carteira e não encontrei nenhuma vez com Lídia e se a questão era viabilizar ou apressar esse recebimento para pagar as necessidades do TRAÇO e etc, então, e todo mundo dizendo: "Mas por que se negam a colocar uma pessoa para fazer isso?" Diz isso lá na reunião. "Não, diz tu." "Por que digo eu?" "Diz tu". Aí outra pessoa vem e diz a mesma coisa: "Por que não tem uma secretária?" Não, mas Paulo questionou as coisas dos encargos e não sei o quê. Não, mas é tão simples uma secretária; os encargos é uma coisa tão simples, pode ser no nome de qualquer pessoa, qualquer pessoa pode empregar qualquer pessoa desde que pague uma taxa de dez reais por mês no coisa lá do INPS não sei quê. Quer dizer, é uma coisa super simples. A gente...

Alguém: Mas quem vai colocar o seu nome, quem quer empregar essa pessoa no caso?

Rachel Bastos: Eu acho que qualquer um de nós pode fazer isso sem maiores problemas desde que naturalmente o TRAÇO é quem está assumindo, qualquer

pessoa pode colocar o nome e que tenha alguém de tal a tal horário que receba, que dê informação, que atenda o telefone...

João Rêgo: Que venda publicações.

Rachel Bastos: Que venda publicações, que alguém saiba, está ali! Adriana fez tudinho, já teve o maior trabalho, mas está ali com a fulana de tal, Maria da Silva, na mesinha ali, é com ela. Porque ia facilitar, eu acho, e não só eu só quem acho, eu não sei porque as pessoas não estão se colocando, porque nos corredores é o que elas tem me dito o tempo todo. “Mas por que eu vou pagar a você?” “Não, porque ficou estabelecido assim e eu vou pagar a Lídia.” “Ah, não! Mas por que não tem uma secretária?” “Não, porque o TRAÇO está num momento ainda que...”

Ana Lúcia: Não é porque é no começo, não Raquel? Quer dizer, a gente está fazendo essa nova forma, está começando agora, será que não vai melhorar, sei lá?

Rachel Bastos: Eu espero. É por isso que eu estou falando de novo na expectativa de que ... Não, a minha dificuldade está sendo, é, por exemplo, ficar a gente está trabalhando aqui, no meio do trabalho entra alguém que quer uma informação não sei de quê, entra alguém que quer pagar não sei o quê, entra alguém que veio atender o telefone. Isso tem sido freqüente. Eu até brinco: “Eu disse, eu vou fazer feito Pedro, na hora do grupo, no grupo da quarta-feira. Vou ficar... toca, eu digo: vou fazer feito Pedro, não é, eu fico brincando: não!” . Depois não “Eu vou atender”. Aí toca, toca, às vezes não toca, às vezes toca, toca e alguém vai no meio da discussão, perdeu-se a discussão. Perdeu-se dez minutos, perdeu-se quinze minutos. É uma coisa aparentemente boba, às vezes...

Pedro Leonardo: Dá prá entender Raquel. Então não é, não se esgota na...

Rachel Bastos: Na arrecadação do dinheiro.

Pedro Leonardo: Não só em cima da questão do dinheiro; você está procurando uma secretária para várias outras funções. Eu acho que a gente tem que esperar um pouco para ver se funcionou ou começou a funcionar melhor essa coisa de dinheiro e

acho que tem que ter um tempo para... Agora, você está falando não é só o dinheiro não é?

Rachel Bastos: Chega aqui, aí está fechado, aí não sei quem: - “Ah, mas eu fui, estava fechado”. Aí tinha o grupo não sei de que, não chegaram ainda, estava fechado...

Paulo Medeiros: Nem sempre a gente tem dinheiro em caixa nem para pagar as contas, quanto mais para ter agora alguém de faxineiro mais uma secretária. Claro, podemos, pensar nisso, pensar com mais vagar, com uma certa seriedade e numa pessoa qualificada, bem qualificada mesmo, que possa nos ajudar e não atrapalhar, alguém que a gente possa recorrer para alguns trabalhos de nível, do nível que a gente fique pelo menos... Não sei, acho que não é bem assim, não necessariamente.

Everaldo Soares Júnior: E a próxima reunião. Vamos marcar, datar, os textos, vamos programar a próxima reunião.

Pedro Leonardo: Olhe, eu vou ler aqui o finalzinho da última reunião que a gente acertou a pauta dessa, para ver, para sentir como está escrito, a fita é para isso. Então Paulo no final diz: “Tem material aí para ser distribuído que pode ser lido e discutido na próxima reunião, essa pasta vermelha.” Eu disse: “Não é Eugênia? Na próxima reunião a gente vai ter a transcrição, o seu escrito e tem esse material para a gente trabalhar em cima.” Aí Júnior falou: “Tem a transcrição, tem esse material que tem o escrito de Eugênia.” Aí Paulo disse: “E outros escritos.”

Luciane Araújo: E bota escrito nisso.

Paulo Medeiros: Haja escrito.

Everaldo Soares Júnior: Primeiro a data, vamos na data? Daqui a dois meses está bom?

Paulo Medeiros: Antes ou depois da vinda do Zubernann ?

Alguém: Depois.

Paulo Medeiros: Depois da vinda de Zubernann. Isso seria então em setembro.

Everaldo Soares Júnior: Segunda semana de setembro.

Alguém: Sete de setembro eu acho que é feriado, não é?

Edna Porto: Catorze de setembro?

Everaldo Soares Júnior: Catorze de setembro seria uma data boa?

Alguém: É um sábado, é?

Alguém: É!

Paulo Medeiros: Catorze de setembro.

Edna Porto: Catorze de setembro para mim dá certo.

Pedro Leonardo: Você sabe é?

Alguém: Hein?

Pedro Leonardo: Você sabe? No dia catorze de setembro vai ser um dia bom para você vir para cá?

Eugênia Menezes: É o dia do meu aniversário, vai ser ótimo!

Everaldo Soares Júnior: A contextualização da reunião será qual?

Eugênia Menezes: Dá licença. Os artigos serão então todo o material pego até agora?

Pedro Leonardo: Até agora! A transcrição dessa reunião de hoje e outros.

Alguém: Eu vou botar: "E outros, "

Eugênia Menezes: Qual é o texto que fica ou quais, por favor?

Alguém: As pastas entregues até agora e a transcrição de hoje.

João Rêgo: Vamos colocar o texto "A Proposição"...

Pedro Leonardo: Só um minuto João. Edna tinha feito uma proposta de alguém ler um texto e trazer uma resenha, sobre o texto.

Edna Porto: É, uma resenha. É para... sobre o texto, alguém para fazer assim...

Everaldo Soares Júnior: Um dos textos, eu acho que eu vou fazer o resumo. Um dos textos.

Alguém: Pronto, escolha!

Everaldo Soares Júnior: Eu acho que esse de história.

Taciana Mafra: Eu faço de um também. Eu faço desse primeiro daqui de todos. Já tem gente demais com o texto.

Pedro Leonardo: Você faz o de "Proposição" Edna?

Edna Porto: Faço.

Taciana Mafra: Eu faço sobre esse primeiro, sobre Formações dos Analistas.

João Rêgo: Agora eu queria fazer o seguinte, que esses textos chegassem as minhas mãos para um mês antes...

Taciana Mafra: Oxente João! (protestos!)

Pedro Leonardo: A gente vai estudar o texto e essa pessoa prepara uma resenha.

Taciana Mafra: Só para introduzir a reunião.

João Rêgo: Está certo! Então eu só fico com a transcrição para fazer.

(várias pessoas falando ao mesmo tempo)

(a) Tem mais textos; três textos está faltando ainda. São quantos textos na pasta? Já tem gente para o primeiro, já tem para o último.

(b) Então me dá o outro, já que são três.

(c) São três textos mais o de Gustavo. Eu faço o primeiro, Edna faz a Proposição, falta um texto.

(d) E qual ficou o meu?

(e) Peraí, deixa eu procurar aqui.

(f) Edna vai fazer a Proposição, não é?

Edna Porto: Eu acredito... são mais ou menos quantas páginas Paulo?

Paulo Medeiros: Sete, oito.

Everaldo Soares Júnior: Eu não ia fazer o de história?

Taciana Mafra: Não, esse eu vou fazer.

Everaldo Soares Júnior: Ah, é?

Inscritos no Traço

Adriana Fontes Melo	(081)468.3585
Ana Lúcia Bastos Falcão	(081)423.6757
Andrea Galindo	(081) 241.5604
Antônio Augusto Alves Maciel	(081)268.6242/241.8418
Edna Maria Porto	(083)226.4303/224.0485
Eugênia Maria Simões Cezar Menezes	(081)268.0903
Everaldo Soares Jr.	(083)225.1572/224.3554
Fernanda de Almeida Amazonas	(081)231.6449
Gedálva Januário Rapela	(081)268.3596/231.2636
Genildo Cordeiro	(081) 231.3820
Isabela Chaves Cribari	(081)268.3897
João Carlos Romano Ayres	(083) 226.4303
João Rego	(081)222.1877/268.7123 email:jreg@fundaj.gov.br
Juliana de Barros Guimarães	(081)423.0583/421.1370
Lidia Goldfarb	(081)268.5592/424.3818
Luciane de Araújo Batista	(081) 325.0669
Manoel Gomes de Andrade Lima	(081)222.1745/326.9301
Miriam Gueiros	(081) 268.0981
Paulo Roberto Medeiros	(081)228.6611/459.1114 prmedeir@elogica.com.br
Pedro Leonardo de Lucena Rodrigues	(081)241.9495/268.8030
Rachel Rangel Bastos	(081)268.7123/431.1402 cbastos@elogica.com.br
Rejane de Castro e Silva Tenório Cavalcanti	(081)341.1974
Stela Gueiros	(081)241.3504/241.1077
Taciana de Melo Mafra	081)268.3730/268.4136(082)241.9598

Traço Freudiano
Av. Flor de Santana, 172 - Parnamirim Recife, PE Brasil
CEP 52060-291 - Fone 081 268.4136

Conselho de Administração

Genildo Cordeiro
Lidia Goldfarb
Luciane de Araújo Batista

Biblioteca

Eugênia Maria Cesar Simões
Menezes
Edna Maria Porto
Juliana de Barros Guimarães

Publicações:

Cadernos do Traço

João Rego
Eugênia Maria César Simões
Menezes
Edna Maria Porto

Revista VEREDAS

Taciana de Melo Mafra
Adriana Fontes Melo
Edna Maria Porto
Juliana de Barros Guimarães
Pedro Leonardo de Lucena
Rodrigues

Gazeta

Paulo Roberto Medeiros

Correspondentes em Paris:

Adriana Fontes Melo
Juliana de Barros Guimarães

Transcrições de fitas e digitação em geral
- Vivyanne Santiago Magalhães -
End. Rua Gomes Pacheco, 272 Espinheiro
Tel. (081)241.0605